

Do desamparo ao Complexo do Semelhante: uma interlocução com as origens

Ignácio A. Paim Filho¹, Porto Alegre.

Joyce Goldstein², Porto Alegre.

Sandra M. Wolffenbüttel³, Porto Alegre.

Resumo: tomando como paradigma a dualidade pulsional e tendo a pulsão de morte como constitutiva e a pulsão sexual como construída, a partir do encontro com o objeto, busca-se resgatar o conceito do Complexo do Semelhante, cunhado por Freud (1895/1969) no *Projeto para uma psicologia científica*. Considera-se que esse conceito tenha desaparecido como complexo, ressurgindo tempos depois como um dos elementos constitutivos – identificações – das origens do Complexo de Édipo, estando diretamente implicado no tempo do autoerotismo. Busca-se trabalhar a gênese do sujeito na sua inter-relação com os objetos primordiais, agentes da ação específica (Freud, 1895/1969) e da nova ação psíquica (Freud, 1914/2004), refletindo sobre a importância e qualidade da intervenção desse Outro frente ao estado de completo desamparo da criança. Entende-se que essa relação desamparo/amparo acabará por estar imbricada de forma visceral na relação do sujeito consigo e com o laço social. Com vias à constituição de um pensar entre a teoria e a cultura, estabelece-se um diálogo analítico com o filme *Lion: uma jornada para casa* (Davis, 2016), no qual acompanha-se e procura-se compreender a forma através da qual Saroo delineou destinos

¹ Psicanalista. Membro titular com função didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

² Psicanalista. Membro associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

³ Psiquiatra. Membro aspirante da SPPA.

estruturantes para o desamparo, resgatando vínculos, reinstaurando contatos e construindo novos caminhos: ampliando fronteiras.

Palavras-chave: Complexo do Semelhante; desamparo; identificações; ação específica; nova ação psíquica.

Introdução: conjugando ideias – interligando afetos

O organismo humano é no início incapaz de levar cabo a ação específica. Ela se efetua por ajuda externa, na medida em que, por meio da eliminação pelo caminho da alteração interna, um indivíduo experiente, atenta para o estado do desamparo da criança. ... o desamparo inicial do ser humano é a fonte originária de todos os motivos morais. (Freud, 1895/1969, p. 196)

O desamparo, momento primeiro da cria humana, caracteriza-se pelo caos pulsional de nossas origens. Sim, nascemos perdidos entre intensidades que pulsam de forma anárquica. Se adotarmos como paradigma a dualidade pulsional enunciada por Freud (1920/1969), pulsão de morte *versus* pulsão de vida, com seus desdobramentos posteriores, temos subsídios suficientes para fundamentar a hipótese que faz da pulsão de morte a pulsão das pulsões. Assim, referendamos a ideia de que a pulsão de morte é constitutiva, enquanto a pulsão sexual é construída, a partir do encontro com o objeto: *um indivíduo experiente*. *Experiente*, termo que nos convoca a refletir sobre a qualidade dessa intervenção – o ter vivido em si –, possuindo como um de seus atributos o fato de ser consequência da capacidade de *estar atento ao estado de completo desamparo da criança*, como nos diz Freud (1895/1969). O estado de desamparo desempenha um duplo papel, remetendo não só ao caos pulsional, mas também ao acontecer da vida anímica, na medida em que ganha significado pela presença do amparo dado por um outro: um semelhante. A relação

desamparo/amparo acabará por estar imbricada de forma visceral na relação do sujeito consigo e com o laço social. Esse contexto é corroborado por Freud (1895/1969): “o desamparo inicial do ser humano é a fonte de todos os motivos morais” (p. 196).

Seguindo esse percurso, nossa meta é trabalhar a gênese do sujeito na sua inter-relação com os objetos primordiais, agentes da *ação específica* (Freud, 1895/1969) e da *nova ação psíquica* (Freud, 1914/2004), revisitando o Complexo do Semelhante (Freud, 1895/1969). Este complexo foi apresentado no *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1895/1969) e, depois, foi relegado ao esquecimento por seu criador. Estranho acontecimento! Tal ostracismo teria ocorrido em razão da sua pouca relevância? Ou ele desapareceu como Complexo do Semelhante e ressurgiu como um dos elementos constitutivos – identificações – das origens do Complexo de Édipo? Sendo assim, estaria implicado no tempo do autoerotismo? Cenário que nos convida para adentrar nas (Im) permeáveis fronteiras da alma: transpor, ou ainda, ampliar os limites impostos pelo “leito de rocha” (Freud, 1937/1980, p. 287).

Com o objetivo de estruturar um pensar entre a teoria e a cultura, abordaremos o filme *Lion: uma jornada para casa* (Davis, 2016) – numa conjugação de ideias que tocaram nosso espírito investigativo. Baseado em um livro autobiográfico (Brierley, 2017), o filme nos conta a história do indiano Saroo que, com apenas cinco anos de idade, perdeu-se do irmão em uma estação de trem no interior da Índia, adormeceu em um vagão e despertou somente a 1.500 quilômetros de distância, na gigantesca Calcutá, onde as pessoas falam bengali, diferente do híndi, sua língua materna. Enfrentou grandes desafios para sobreviver sozinho, morou na rua, vivenciou situações de risco de abusos, até finalmente ser adotado por um casal australiano e passar a viver com eles na Tasmânia. Aprendeu a falar inglês e “esqueceu” o híndi e a família de origem.

Ao entrar na universidade, local em que cursava Gestão e Hotelaria, começou a conviver com colegas indianos, quando então as questões sobre o seu passado ressurgiram, vindo à memória as lembranças da família da primeira infância e os questionamentos acerca do que lhes teria acontecido e se eles estariam à sua procura. Obcecado, Saroo passa as noites no Google Earth atrás de locais que lhe parecessem familiares, buscando reconstituir o percurso da viagem feita, quando se perdeu. Passados 25 anos, através do Google, ao identificar o reservatório de água que existia na estação de trem, descobriu onde havia se perdido do irmão e conseguiu percorrer o caminho da estação até sua casa, aos locais onde brincava, à pedreira onde a mãe trabalhava, até chegar ao bairro de Ganesh Talai. Assim, finalmente, Saroo reencontrou a sua família.

Após a realização dessa breve síntese, utilizaremos como roteiro para o presente artigo a seguinte indagação: como, diante de uma vivência traumática, Lion – o “menino leão” – conseguiu encontrar sustentação para enfrentar tamanhas situações de desamparo? Pensamos que o Complexo do Semelhante, com seus desdobramentos no universo das identificações, possa ser um bom guia para nos acompanhar nesta jornada em busca das origens da alma de Lion.

Um conceito em busca de (res)significação: reconectando com nossas origens

Um objeto semelhante foi, ao mesmo tempo, o primeiro objeto satisfatório do sujeito, seu primeiro objeto hostil, além de sua única força auxiliar. Por esse motivo, é em relação a seus semelhantes que o ser humano aprende a (re)conhecer. (Freud, 1895/1969, p. 383)

Trabalhar as origens e vicissitudes do Complexo do Semelhante é uma forma de nos aproximarmos de questões que,

há muito tempo, protagonizam discussões acaloradas no mundo psicanalítico, mas que podem ser concentradas em um ponto: a relevância do objeto no pensamento freudiano. Provavelmente tal polêmica foi sendo estruturada a partir da perspectiva de que a teoria pulsional desconsiderava a importância do objeto desde as origens do aparato psíquico, como, por exemplo, uma possível inexistência desse na fase autoerótica.

É em decorrência desse contexto repleto de ambiguidades que, talvez, o Complexo do Semelhante tenha ficado na obscuridade da sua significância. Nesse sentido, nada seria mais paradoxal, pois pensar no semelhante é afirmar a centralidade do outro, o qual acaba sendo imprescindível para o acontecer da vida psíquica. Seguindo esse roteiro, vamos encontrar em Freud (1895/1969) a marca primeira do objeto primordial, implicada na própria fundação do psiquismo, qual seja, a *ação específica*. Na linguagem do *Projeto para uma psicologia científica*, essa *ação* tem a função de dar conta das grandes necessidades da vida. Por meio dela, a cria humana sai do caos das intensidades, deixando a função primária, pura descarga, para a função secundária, capacidade de conter as quantidades, em nome de poder vir a ser o agente da *ação específica*. Nesse trânsito, dá-se o nascimento da alma – ψ . Recordemos que Freud (1895/1969) assinala que esse ato fundante da psique possui um lado *acidental*, (desejo inconsciente parental), através do qual compreendemos como a subjetividade está envolvida nesse decurso – a forma em que operam os investimentos afetivos dos objetos primários.

Esse processo se instaura e se desenvolve – gerando inscrições psíquicas – através das experiências de satisfação e da experiência de dor, modo pelo qual a memória vai se fazendo acontecer. O jogo dessas vivências viabiliza a criação do estado de desejo. O objeto de gratificação é também o objeto hostil. Decorrente desse estado, a satisfação é movida pela atração, enquanto a dor é movida pela repulsa, condições coerentes para o estabelecimento

das vias facilitadas no sentido da realização do desejo. Freud afirma: “Representa-se a memória por meio das diferenças nas facilitações entre os neurônios ψ ” (Freud, 1895/1969, p. 180). Em função de tal concepção, as vivências primárias, mais intensas, são as que marcam de maneira mais determinante as trilhas a serem percorridas.

Como está sendo dito, a memória, que é constituída por impressões, traços e representações, tem suas origens no experienciado entre as demandas das quantidades endógenas, germe fecundo que acabará por culminar no conceito de pulsão (Freud, 1905/1969) e nas múltiplas ações executadas pelo semelhante. Por ser um objeto similar ao próprio sujeito, o semelhante se oferece à percepção, motivo pelo qual pode ser um elemento facilitador para a satisfação do desejo. Desse encontro, emerge a seguinte interrogação: o que percebo corresponde ao meu desejo? É momento de proceder à busca da identidade de percepção, pela via curta e/ou pela via longa. Quando o desejado pelo bebê percebe no mundo externo, representado por seu semelhante, algo que vai ao encontro dessa demanda, ocorre a identidade de percepção pela *via curta*: desejo – encontro – satisfação. Contudo, quando não há esse encontro, pois o que se oferece à percepção é diferente do desejado, ocorrem duas possibilidades: satisfação alucinatoria do desejo e, caso aconteça o seu esgotamento, põe em marcha o trabalho da identidade de pensamento, iniciando uma busca, nos arquivos da memória, de atributos que possam ampliar as possibilidades de reconhecer no ofertado particularidades que o tornem passível de realizar o desejo. São caminhos pelos quais ocorre a saída do estado de desamparo absoluto através da presença do outro em mim, semelhante, mas não igual.

Fazendo um cotejo dessas questões teóricas com uma passagem do filme, salientamos o momento em que Lion adulto tem em si reaceso o desejo de ir em busca da sua “pré-história” – aquela que foi soterrada pelo recalque, mas que agora começa a produzir pequenos “abalos sísmicos”.

A cena se passa numa confraternização com amigos, na qual o cardápio era formado por comidas típicas indianas, e Saroo se depara com uma iguaria – o doce chamado jalebi – que instantaneamente o perturba, remetendo-o a uma forte lembrança de infância (registros de memória – a conexão com o passado esquecido, mas não perdido, é posto em marcha): quando criança, acompanhado do irmão (do qual se perdeu), observavam o jalebi em uma feira da sua cidade natal. Na cena, Saroo ficava ao lado do irmão, “saboreando” o doce com o olhar e sentindo o seu cheiro, com a esperança de um dia prová-lo, conforme seu irmão lhe prometia.

Diante da visão dos doces na cozinha dos amigos, Saroo evoca seus arquivos mnêmicos. Inicia-se, assim, um processo de desencadeamento da memória através do acesso às sensações e percepções. As marcas mnêmicas evocadas, instaladas como impressões ligadas aos órgãos de sentido, levam o jovem a percorrer as trilhas do passado, fazendo “con-tato” com o inenarrável de sua história.

Através do Google Earth (plataforma que reúne imagens de satélites de todo o globo), Saroo envolve-se na “re-construção” de um “mapa-mente” (mente – o país obscuro a explorar). Fica totalmente imerso, tentando localizar sua aldeia natal, fazendo cálculos acerca da velocidade dos trens, tentando localizar a sua pequena casa, inserida em uma igualmente pequena aldeia, dentro da imensidão do país e do caos das estações de trens da Índia, possuindo, como referência predominante, somente o reservatório de água da estação.

Totalmente embebido de sensações estranhas que reavivam nubladas lembranças, Saroo persiste mapeando as suas memórias, reconstruindo as rotas do seu vasto, profundo, sinuoso território. Tempo de tornar-se permeável às fronteiras do além do princípio do prazer. As intensidades dos afetos fazendo seus movimentos inconfidentes, ruptura com ficar à margem da sua própria história.

Envolvido nessa jornada, vai encontrando “ecos mnêmicos”

que lhe permitem refazer um caminho adormecido de marcas e inscrições mentais. Tudo ainda no campo das sensações: cores, formas, cheiros, visões...

Sua memória perceptiva foi despertada, colocando em curso o processo de transcrições e “re-transmissões”. Lion retoma os traços de memória e a possibilidade de trabalho psíquico em sua jornada de volta para casa.

Complexo do Semelhante: alteridade – narcisismo – Édipo

Quando ensina seu filho a amar [a mãe], está apenas cumprindo sua tarefa; afinal ele deve transformar-se num humano capaz, de uma vigorosa necessidade sexual, e que possa realizar em sua vida tudo aquilo que os seres humanos são impelidos pela pulsão. (Freud, 1905, p. 210)

Em suas formulações acerca da constituição do sujeito, Freud afirmou ser por meio da *ação específica* de um outro *semelhante* que irá ocorrer a satisfação da necessidade e, ao mesmo tempo, será instaurado o autoerotismo. Tempo originário da experiência de satisfação – fazendo-se acontecer, num junto com, que permite a criação de um espaço entre o corpo da mãe e o corpo do bebê – em que o objeto sacia a fome e cria o estado de desejo: o primeiro choro é somente descarga, o segundo é uma forma de comunicação (Freud, 1895/1969). Nesse cenário das origens, temos a vigência do Eu realidade originária (Freud, 1915/2004), relação de espaço/tempo com o objetivo de conter as primeiras demandas pulsionais, momento em que o bebê difere o dentro e o fora através da ação muscular. Tal estado é regido pela lógica do prazer do órgão sobre a tutela do autoerotismo, constituindo-se no primeiro tempo do desenvolvimento psicosexual. Nesse vir a ser, temos o desenrolar de um segundo ato advindo dos objetos primários, a *nova ação psíquica* (Freud, 1914/2004). Ela será a responsável pela criação

do Eu – como uma unidade com um princípio organizador, qual seja, o prazer/desprazer – e do narcisismo primário. É um estado precoce, segundo tempo do desenvolvimento psicosssexual, em que a criança toma para si toda a libido. Para que o narcisismo se instaure, é necessário que, nessa relação primária, aconteça um investimento pulsional nas zonas parciais, tanto no corpo biológico, para vir a ser erógeno, quanto o investimento narcísico, em direção ao Eu da criança. Ambos os processos devem coincidir. Assim, o narcisismo primário decorre do investimento feito no bebê pelo desejo e pelo ideal dos pais, propiciando que a criança vivencie a completude do *Eu-ideal* em uma relação de amor consigo mesma.

Esse momento, no qual o Eu é tomado como objeto de amor, é o tempo da identificação primária – *anterior a qualquer investimento objetal* (Freud, 1923/1969) –, quando sujeito e objeto estão fusionados, indiscriminados em torno de uma imagem integrada, a qual surge como unidade psíquica e de representação do corpo, constituindo fontes formadoras do Eu da *sua majestade o bebê* (Freud, 1914/2004).

O desenvolvimento do Eu, do narcisismo primário com seu Eu-ideal – o duplo das figuras parentais –, vai transcorrendo na medida em que passam a surgir as identificações secundárias. Estas correspondem ao jogo identificatório que cria as condições para o advir do *querer ter* o objeto. Esse status começa a ser delineado com mais especificidade pela aquisição do narcisismo secundário e do ideal-de-Eu, formando um contexto em que estão implicadas as marcas inaugurais de significação e ressignificação do Complexo de Castração, o qual remete à presença do terceiro, anunciador da não completude, a falta que rompe com a lógica da duplicidade. Ambiente propício para vir a reconhecer a importância libertadora, de ter no outro um *semelhante*, mas não igual, no qual a alteridade começa a se fazer história, delineando novos-velhos sentidos: ação específica/nova ação psíquica/triangulação edípica.

Édipo emerge, a triangulação cria conflitos, e o temor da perda do amor do objeto se torna proeminente. A angústia de castração atinge seu clímax. É necessário conter o desejo. A renúncia ao desejo, incestuoso e parricida, estrutura-se em torno da barreira do recalçamento. Estabelece-se, assim, a busca pelo outro, universo do Eu-realidade-definitiva com seus mandatos exogâmicos. Aquisições que permitem ao sujeito inquietar-se com seus desejos recalçados, gerando interrogações perenes: qual é o meu desejo? O que faço com ele?

Essas narrativas visam a estruturar um pensar que dê fundamentação para lançarmos um olhar para o romance familiar do qual Saroo é originário, convocando-nos a especular acerca da intensidade e da qualidade dos investimentos parentais.

Ao acompanharmos as experiências e memórias de Saroo, transitamos por passagens que vão de sua infância à vida adulta, e desta retornamos à infância. Conforme descrevemos, cheiros e sabores do passado levam Saroo de volta ao que lhe é familiar, uma história de cuidados primordiais no início de sua vida, e ao que não lhe é familiar (Freud, 1919/1969), provocando uma busca do passado. Envolvido em uma situação precária economicamente, Saroo e seu irmão Guduu ajudam no sustento da família, varrendo vagões de trens para ganhar alguns trocados. O trabalho braçal da mãe com pedras consegue trazer pouca coisa para a mesa de casa, onde qualquer item trivial de alimentação virava uma iguaria de extremo luxo e necessidade, como a cena do leite que os filhos conseguem trazer para casa e, não sendo o suficiente para todos, a mãe abre mão de sua parte para alimentar os filhos: marca de uma assimetria estruturante, delimitando os lugares e as funções de cada indivíduo.

Mesmo com toda a precariedade econômica visível, fica claro o registro de cuidados e afeto na vida psíquica de Saroo, o que aparece através da significativa função materna exercida por sua mãe e a função paterna exercida por seu irmão Guduu, devido à ausência

da figura do pai, ao longo da história.

Inobstante o desamparo social revelado pela narrativa do filme, salientamos a força e insistência que liga Saroo a sua família de origem. Ele nos mostra os fios de afeto tecidos pelo desejo de sua mãe – investimento parental – *para que possa realizar em sua vida o que os indivíduos são impelidos pela pulsão*, oferecendo-lhe, assim, uma força psíquica. Em sua busca de volta para casa, Saroo percorre esse fio libidinizante.

Várias cenas demonstram o convívio de Saroo com a mãe e com o irmão, confirmando que estes foram objetos de significativa importância na internalização e identificação com objetos cuidadores. São cenas que transcorrem, também, em um clima lúdico: a capacidade de brincar e sonhar com dias melhores.

Diante dessa possibilidade de investimento parental, quando Saroo se perde em uma cidade grande, dotada de um dialeto diferente do seu e totalmente incompreensível, percebe-se que ele possui recursos autoprotetores – identificação com a proteção materna exercida – para enfrentar difíceis e delicadas situações vivenciadas, enquanto está perdido de sua mãe e de seu irmão: exploração de menores, abuso/tráfico de crianças, fome, frio, internação em um orfanato que não conseguia atender adequadamente às crianças. Duas cenas, dentre tantas do filme, revelam sua *vigorosa necessidade sexual* – Eros – com sua força transformadora.

Destacamos a cena onde Saroo é acolhido por uma mulher, inicialmente transmitindo-lhe a ideia de amparo, com uma tênue *linguagem da ternura* (Ferenczi, 1933/1992). Entretanto, ao entrar em cena um homem, o menino intui a situação de conluio e abuso iminente e, mesmo sem compreender o idioma, ao perceber a linguagem de uma sexualidade perversa – *linguagem da paixão* (Ferenczi, 1933) –, foge. Ficamos seduzidos com a percepção de que esse homem reencena no imaginário desse menor “não tão abandonado”, a perversidade paterna: um pai que se furta de ocupar

o seu lugar de cuidador, deixando essa família desprotegida do seu amparo – *tirar leite de pedra* deixa de ser metáfora para se transformar em ato. Acreditamos que um dos facilitadores dessa refinada capacidade perceptiva é que nosso “jovem Édipo indiano” parece conhecer em si que “*a neurose é o negativo da perversão*” (Freud, 1905/1969, p. 224). Portanto, o seu reverso sempre é uma possibilidade.

Em outro momento, já no orfanato, ao ser informado da impossibilidade de busca por sua mãe pelo Estado, diz: “– Então, eu vou procurar sozinho!”. É uma afirmação inusitada para um menino desamparado pelo Estado que falhou em sua função paterna. Essa declaração acabará por se mostrar profética. Afinal, Saroo estava amparado pela força do desejo de suas origens, a qual vai se fazer presente no seu processo de adoção por um casal australiano: estrangeiros na língua dos homens, nativos na língua dos afetos, eles marcam diferenças que viabilizam a busca pelas semelhanças. Um *Estado* rico, mas não indiferente com as desigualdades. Nesse sentido, é importante destacar que a decisão do casal australiano pelas adoções não era produto de alguma incapacidade biológica para ter os próprios filhos.

A história da adoção do menino está marcada pela presença constante e vitalizante de seus pais adotivos, comprometidos com o desejo de que Saroo mantivesse algum laço com suas origens, circunstância representada pela manutenção do seu nome de batismo. Nesta retranscrição – reafirmação do seu nome –, vemos uma possibilidade, em ato, de manter erotizado o fio dos afetos que foram tecidos em parceria com suas figuras parentais. É um provável fio de Ariadne e que irá cumprir um papel fundamental em sua jornada de retorno para a casa materna: saída do labirinto de suas vivências traumáticas não metabolizáveis. Novos acessos para a sua cartografia psíquica – o mapa das identificações refazendo suas rotas.

Cartografia psíquica em movimento: recordar, repetir e elaborar – ampliando fronteiras

Aquilo que herdaste dos teus pais, trabalha para fazê-lo teu.
(Goethe, *Fausto*, citado por Freud, 1913)

Os estímulos, cheiros e sabores do passado trazem de volta o objeto do anseio, remetendo ao Complexo do Semelhante, matriz fundante que, ao se tornar objeto de desejo, o faz buscando o reencontro com aquilo que herdou. É um reencontro que convoca para um trabalho psíquico, permitindo fazer do alheio algo próprio. Assim sendo, consideramos que se inicia o caminho pelo qual se dá o reinvestimento das trilhas facilitadas de sua cartografia psíquica. É o momento propício para redesenhá-la através da elaboração do traumático, contato com o demoníaco estrangeiro que o habita.

Com essa proposição em mente, nossos sentidos são aguçados pelo lugar que vai ocupando o Google Earth na construção das rotas que possibilitarão o retorno de Saroo para as suas origens. Especulamos a ideia de que tal peculiar bússola, tão característica desses novos tempos, exerceu a função primordial do outro, semelhante e diferente, como interlocutor estruturante, concedendo múltiplas vias de acesso ao (des)conhecido e, assim, possibilitando a navegação por velhos/novos territórios. Essa função transformadora – ou melhor, propulsora de acessibilidade – se dá, principalmente, pela incompletude que comporta, favorecendo a metabolização: afinal, para que ocorra a abertura das rotas, é necessário que o navegador forneça dados para esse organizador de informação.

Como sabemos, para processar o reencontro com sua história de maneira transformadora, todo sujeito terá de transitar pelo *repetir*, *recordar*, *elaborar*. Sendo assim, vemos que, de modo paradoxal, ao isolar-se em um movimento de recolhimento narcísico, o uso do Google Earth acaba por ser disruptivo – frustrando o imediatismo

exigido pelo universo da *sua majestade o bebê* – com suas respostas parciais, colocando em movimento o trabalho psíquico, a busca pelos investimentos colaterais. Consiste no provável estabelecimento de uma relação intersubjetiva, atravessada por trocas que retroalimentam a dupla. As peças do “quebra-cabeça” são precárias e pouco conectadas, o mapa inicial de Saroo somente aos poucos pode ser ampliado: Índia, a terra mãe – estação de trem em Calcutá, Ganesh Talai – reservatório/caixa-d’água. Enfim, no decorrer desse processo, vai se reinstalando – elaborando – a nova/velha cartografia psíquica, tendo como combustível o acesso ao reservatório de possibilidades construídas em parceria com sua mãe. Estaria Saroo referendando a máxima freudiana, “*quando se foi o preferido incontestável da mãe, permanece pela vida um sentimento de conquistador, a confiança no êxito, a qual, não raramente, visa realmente o êxito para si*” (Freud, 1917/2015, p. 271)? Acreditamos que sim: o êxito se deu pelos tortuosos caminhos do *pensamento discernidor* (Freud, 1895/1969), com sua capacidade exploratória, responsável por recriar expectativas desejantes que alimentaram a sua saga de conquistador. É uma saga que legitima a seguinte assertiva, aos moldes de Goethe: “*minhas forças se enraízam nas minhas relações com a minha mãe*” (Freud, 1917/2015, p. 271).

Uma interlocução com a cultura: o privado e o coletivo tecendo a história

Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social. (Freud, 1921/1969, p. 91)

Partimos do princípio de que a relação com o semelhante é o

que nos torna humanos, consistindo no elemento capaz de fundar e manter viva a nossa existência e a capacidade de produzir encontros. Essa proposição certifica a concepção de que a psicologia individual, desde o seu início, é psicologia social (Freud, 1921/1969).

O indivíduo não concebe a própria história de maneira isolada. O desamparo, como condição inerente, coloca-o no estado de *estar à mercê*, ou seja, à mercê do outro, mas não submetido a este. Estar à mercê revela uma ligação, um apelo e uma necessidade do semelhante.

Pensando nos questionamentos acerca da constituição da subjetividade contemporânea, consideramos que, na cultura atual, a contradição entre Eros e Thanatos se expressa através de uma tendência ao desperdício da capacidade humana de se relacionar e de se organizar em um estado coletivo. A especificidade do outro, em sua alteridade, pode assumir proporções catastróficas: o igual me fascina, o diferente me aterroriza. Terror que cumpre a função de um *álibi*, que justifica fazer desse outro o depositário de uma crueldade insana. Esse desperdício registra a falha do sustentar a si próprio e à cultura, pois a parceria com o outro e com o social é vital à singularidade humana.

Saroo foi delineando destinos estruturantes para o desamparo, resgatando laços sociais e construindo novos caminhos. Nessa busca, os elementos culturais do passado foram legitimados e ressignificados. Entendemos a questão do desamparo na cultura em consonância com o desamparo infantil e individual. A história de Saroo, mais do que o individual, nos alerta para uma falha do/ no coletivo, onde o Estado e a sociedade fracassam no amparo e cuidados, revelando a falência das instituições: pobreza, crianças de rua, violência, maus-tratos a vulnerabilidade do infantil na vida cotidiana – a Índia em todos nós. Cenas e imagens que revelam a invisibilidade dessa tragédia do social.

O psiquismo materno, enquanto representante do individual

e coletivo, opera inicialmente como um aparelho psíquico protético que, aos poucos, propicia – quando inserido na ordem simbólica instaurada pela castração – a contextualização da singularidade do sujeito, possibilitando alcançar a alteridade. É condição elementar para a estruturação de uma conduta que esteja permeada por princípios éticos, sem esquecer que, nesse caso, a Ética sempre estará sob o jugo da incompletude do sujeito e da cultura.

Assim como Saroo, precisamos contar com o Semelhante e reconhecemos nossas limitações, para encontrar caminhos que promovam a visibilidade da fragilidade que nos faz humanos – jogo fecundo para a plasticidade das (im)penetráveis fronteiras do desamparo, o desgarrado da pulsão de destruição, em mim e no outro.

Del desamparo al Complejo del Semejante: una interlocución con los orígenes

Resumen: los autores al usar como paradigma la dualidad pulsional y teniendo a la pulsión de muerte como constitutiva y a la pulsión sexual como construida a partir del encuentro con el objeto, buscan rescatar el concepto de Complejo del Semejante que fue creado por Freud (1895/1969) en su *Proyecto de una psicología para neurólogos*. Se considera a este concepto como algo que ha desaparecido como complejo, resurgiendo tiempos después como uno de los elementos constitutivos –identificaciones– de los orígenes del Complejo de Edipo, estando directamente implicado en el tiempo del autoerotismo. Se busca trabajar la génesis del sujeto en su interrelación con los objetos primordiales, agentes de la acción específica (Freud, 1895/1969) y de la nueva acción psíquica (Freud, 1914/2004), reflexionando sobre la importancia y la cualidad de la intervención de ese Otro ante el estado de completo desamparo del niño. Se entiende que esta relación desamparo/amparo terminará por estar acoplada de forma visceral en la relación del sujeto consigo mismo y con el lazo social. En vías de constituir un pensar entre la teoría y la cultura, se establece

un diálogo analítico con la película *Lion: un camino a casa* (Davis, 2016) en la cual es dable observar y se busca comprender la forma por la cual Saroo delineó los destinos estructuradores para el desamparo, rescatando los vínculos, reinstaurando los contactos y construyendo nuevos caminos: ampliando fronteras.

Palabras clave: Complejo del Semejante; desamparo; identificaciones; acción específica; nueva acción psíquica.

From helplessness to the Complex of a Fellow-creature: an interlocution with the origins

Abstract: taking the drive duality as a paradigm, having the death drive as constituted and the sex drive as constructed, as from the encounter with the object, it is aimed at rescuing the concept of the Complex of a Fellow-creature, coined by Freud (1895/1969) in the *Project for a scientific psychology*. This concept is considered as having disappeared as a complex, reappearing afterwards as one of the constitutive elements – identifications – of the origins of the Oedipus Complex, being directly implied in the time of the auto-eroticism. It is sought to work on the genesis of the subject in his interrelation with primordial objects, agents of specific action (Freud, 1895/1969) and of the new psychic action (Freud, 1914/2004), reflecting on the importance and quality of the intervention of this Other in face of the state of the child's complete helplessness. It is understood that this helplessness/support relationship will end up being viscerally imbricated in the relationship of the subject with himself and with the social bond. With a view to constituting some thinking between the theory and the culture, an analytical dialogue is established with the film *Lion* (Davis, 2016), where it is tried to accompany and understand the way in which Saroo outlined structuring destinations to helplessness, by rescuing bonds, reestablishing contacts and building new paths: expanding boundaries.

Keywords: Complex of a Fellow-creature; helplessness; identifications; specific action; new psychic action.

Referências

- Brierley, S. (2017). *Uma longa jornada para casa*. Record.
Davis, G. (Diretor). (2016). *Lion* [Lion: uma jornada para casa] [Filme]. The Weinstein Company.
- Ferenczi, S. (1992). Confusão de língua entre os adultos e a criança: a linguagem da ternura e da paixão. In *Obras completas* (Vol. 4, pp. 97-106). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (1969). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 1. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Imago. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (1969). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 7. Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros trabalho (1901-1905)*. Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1969). Totem e tabu. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 8. Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914)*. Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1969). O estranho. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 17. Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918)*. Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1969). Além do princípio do prazer. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 18. Além do princípio do prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1969). Psicologia de grupo e a análise do ego. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 18. Além do princípio do prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Imago. (Trabalho original publicado em 1921)

- Freud, S. (1969). O ego e o id. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 19. O ego e o id e outros trabalhos (1923-1925)*. Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1980). Análise terminável e interminável. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 23. Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)*. Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente (Vol. 1)*. Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2004). Pulsões e destinos da pulsão (1915). In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente (Vol. 1)*. Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2015). Uma lembrança de infância em poesia e verdade. In *Arte, literatura e os artistas*. Autêntica. (Trabalho original publicado em 1917)

Ignácio A. Paim Filho

Endereço: Rua Felix da Cunha, 737/410. Porto Alegre/RS.

CEP: 90570-001

E-mail: paimiga@terra.com.br

Joyce Goldstein

Endereço: Rua 24 de outubro, 838/804. Porto Alegre/RS.

CEP: 90510-000

E-mail: joygold@terra.com.br

Sandra M. Wolffenbüttel

Endereço: Av. Lageado, 1212/1108. Porto Alegre/RS.

CEP: 90460-110

E-mail: sandramwolffe@gmail.com